



REAVIVANDO A CHAMA



Encarte da Revista Renovação nº 61 - Março/Abril de 2010

BOLETIM Nº 50

CARISMA DA FÉ!

1. INTRODUÇÃO

O cristão pode ter ousadia em sua vida sabendo que é uma pessoa de fé. Pode reivindicar a fé necessária para qualquer situação. Que bênção é poder ter certeza que a fé é dom derramado! “Porque é gratuitamente que fostes salvos mediante a fé. Isto não provém de vossos méritos, mas é puro dom de Deus” (Ef 2, 8).

2. CONCEITO

A Carta aos Hebreus apresenta em seu capítulo II um dos textos mais expressivos a respeito da fé. Diz o texto sagrado: “A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê. Foi ela que fez a glória de nossos antepassados. Pela fé reconhecemos que o mundo foi formado pela palavra de Deus e que as coisas visíveis se originaram do invisível. (...) Ora, sem fé é impossível agradar a Deus, pois para se chegar a Ele, é necessário que se creia primeiro que Ele existe e que recompensa os que O procuram” (Hb 11, 1-3.6).

A fé é, em última análise, um dom que o Espírito Santo colocou à disposição do homem para que ele possa experimentar concretamente da onipotência de Deus.

A fé, no mundo de hoje, é um grande desafio, pois muitos só creem em si mesmos, nas suas próprias capacidades, nos seus próprios talentos, no seu dinheiro, nos seus planos. Já não acreditam nos outros irmãos e a fé em Deus está muito fragilizada. Algumas vezes trata-se de uma fé tradicional, vaga, confusa, subjetiva, superficial, fria, indiferente.

A fé é como um raio de luz que parte de Deus para a alma. O Espírito Santo, que é o autor da fé, vem ao mundo de hoje reavivar, dando assim sentido à vida cristã de muitos batizados que viviam indiferentes ao seu estado.

Para compreender bem o que é o dom carismático da fé, é necessário fazer a distinção entre a fé teologal ou doutrinal, a fé virtude ou fruto do Espírito Santo e o dom carismático da fé:

a) Fé teologal ou doutrinal (fé que acredita)

Por ela o cristão acredita nas verdades reveladas por Deus sobre si mesmo e sobre o homem e que são definidas pela Igreja.

A fé teologal faz o homem crer firmemente em Deus como seu Pai, que se importa com sua vida. Crer em Jesus Cristo como o enviado do Pai, o Filho de

Deus, o salvador do mundo. Crer também no Espírito Santo que edifica a Igreja de Cristo e a santifica. Crer que o Espírito Santo é o poder de Deus. E porque crê nas três pessoas da Santíssima Trindade, o homem não só crê intelectualmente, mas adere profundamente às suas verdades, que se tornam luz e amor para seu caminho. Essa fé teologal é necessária para a salvação (cf. Gl 2, 15s).

A fé teologal vem em consequência do batismo, do anúncio de Cristo, do testemunho, da catequese. É ela que aprofunda a esperança e faz o homem agir na caridade (cf. Gl 5, 6). Fundamentada na Palavra de Deus, nos sacramentos, na vida de oração e na vida comunitária, a fé teologal é um grande sustento para o cristão do mundo de hoje, no qual os homens “não suportam a sã doutrina” (cf. II Tim 4, 3-4).

b) Fé virtude (fé que confia)

Leva o homem a confiar plenamente na realização das promessas de Deus. Impulsiona-o a ir além do ato de aderir às promessas de Deus, conduzindo-o a uma entrega total a Deus e à sua providência (cf. Mt 6, 25).

Pela fé virtude, o homem se abandona à providência divina, pratica a Palavra de Deus, vive segundo a mentalidade de Jesus Cristo; não só conhece os mandamentos com sua inteligência, mas interioriza-os no coração, vive os ensinamentos de Deus não como obrigação, mas por amor. Experimenta e crê na bondade e misericórdia de Deus.

Por esta fé o homem prova a si mesmo e ao mundo que a Palavra de Deus não é uma utopia, mas forte impulso interior, ao qual adere a sua vontade, uma vez que a fé está gravada no mais profundo do seu coração (cf. Rm 4, 19-21; I, 17).

Esta fé virtude leva o homem a crer e experimentar a bondade, a misericórdia e o amor de Deus na sua vida (cf. I Jo 4, 16), tornando sua oração um ato confiante: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8, 31-34).

“Porque nele se revela a justiça de Deus, que se obtém pela fé e conduz à fé, como está escrito: O justo viverá pela fé. Abrão não vacilou na fé, embora reconhecendo o seu próprio corpo sem vigor — pois tinha quase cem anos — e o seio de Sara igualmente amortecido. Ante a promessa de Deus, não vacilou, não desconfiou, mas conservou-se forte na fé e deu glória a Deus” (Rm 1, 17; 4, 19-21).

c) O dom carismático da fé (fé expectante)



A fé carismática se manifesta quando uma pessoa é movida a ter uma confiança íntima de que Deus agirá de forma atual. Essa confiança leva a uma oração convicta, a uma decisão, a uma firmeza de atitude ou a algum ato que libera a bênção de Deus (cf. Mc 11, 22-23; Mt 11, 24; Ex 14, 13-14; I Rs 18, 20-40).

Essa certeza é tão especial que Deus age, e o resultado manifesta a glória de Deus. O padre Ovila Melançon ensina que este dom é dado em vista de ajudar a orar “com absoluta confiança e sem duvidar”.

3. O DOM DA FÉ NA PALAVRA DE DEUS

Na Palavra de Deus existem vários episódios que descrevem a ação poderosa de Deus movida pela fé:

- Rm 4, 23-24
- Ex 14, 10 — Moisés diante das murmurações do povo, ao ver os egípcios se aproximarem.
- Ex 14, 13-14 — resposta de Deus.
- Ex 14, 16-21 — Moisés estendeu a mão sobre o mar, confiante que Deus iria operar maravilhas.

• I Rs 18, 20-40 — Elias e os profetas de Baal — usou Elias o dom carismático, pois agiu com muita autoridade e confiança. A fé deu-lhe a certeza antecipada de que o Senhor agiria em seu favor.

Milagres realizados por Jesus em razão do dom carismático da fé:

- Mt 8, 5-13 — centurião
- Mt 15, 21-28 — cananéia
- Mc 5,25-34 — hemorroíssa
- Lc 5,21 — paráliticos e os amigos
- Jo 11,1-44 — ressurreição de Lázaro.

4. O EXERCÍCIO DO DOM CARISMÁTICO DA FÉ

O dom carismático da fé consiste em sempre crer incondicionalmente no poder de Deus; crer é saber que Ele agirá “aqui e agora” para o bem do povo, curando, libertando e realizando milagres que levem à edificação do Reino. Jesus diz: “Se creres, verás a glória de Deus” (Jo 11, 40).

Não é preciso “fazer força” para ter fé, nem “forçar” Deus agir, com “palavras de fé”. A fé é um dom gratuito e o cristão deve, com muita tranquilidade, sempre crer que Ele faz o melhor e nunca decepciona aquele que Nele confia, como diz Jesus: “Se vós que sois maus sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem” (Mt 7, 11).

5. CONCLUSÃO

O dom da fé é um presente que Deus dá para o bem da comunidade, assim como os demais dons. Nunca é demais notar que ele está profundamente associado com a caridade. Como é dado para o bem comum, sua prática reflete a caridade. Assim também acontece com o dom da fé.

Portanto, como diz São Paulo, o cristão deve se empenhar em procurar a caridade, mas deve também aspirar igualmente aos dons espirituais (cf. I Cor 14,1). Assim, é bom e necessário pedir com insistência ao Pai o dom da fé, para realizar as obras que constroem o Reino e edificam a Igreja.

RESUMO

1. INTRODUÇÃO

O cristão pode ter ousadia em sua vida, sabendo que é uma pessoa de fé. Pode reivindicar a fé necessária para qualquer situação.

2. CONCEITO

Para compreender bem o que é o dom carismático da fé, é necessário fazer a distinção entre a fé teologal ou doutrinal, a fé virtude ou fruto do Espírito Santo e o dom carismático da fé:

- a) Fé teologal ou doutrinal (fé que acredita)
- b) Fé virtude (fé que confia)
- c) O dom carismático da fé (fé expectante)

A fé carismática se manifesta quando uma pessoa é movida a ter uma confiança íntima de que Deus agirá de forma atual.

Essa confiança leva a uma oração convicta, a uma decisão, a uma firmeza de atitude ou a algum ato que libera a bênção de Deus (cf. Mc 11, 22-23; Mt 11, 24; Ex 14, 13-14; I Rs 18, 20-40).

3. O DOM DA FÉ NA PALAVRA DE DEUS

Na Palavra de Deus existem vários episódios que descrevem a ação poderosa de Deus movida pela fé:

- Rm 4, 23-24
- Ex 14, 10 — Moisés diante das murmurações do povo, ao ver os egípcios se aproximarem.
- Ex 14, 13-14 — resposta de Deus.
- Ex 14, 16-21 — Moisés estendeu a mão sobre o mar, confiante que Deus iria operar maravilhas.

• I Rs 18, 20-40 — Elias e os profetas de Baal — usou Elias o dom carismático, pois agiu com muita autoridade e confiança. A fé deu-lhe a certeza antecipada de que o Senhor agiria em seu favor.

Milagres realizados por Jesus em razão do dom carismático da fé:

- Mt 8, 5-13 — centurião
- Mt 15, 21-28 — cananéia
- Mc 5,25-34 — hemorroíssa
- Lc 5, 21 — paráliticos e os amigos
- Jo 11, 1-44 — ressurreição de Lázaro.

4. O EXERCÍCIO DO DOM CARISMÁTICO DA FÉ

O dom carismático da fé consiste em sempre crer incondicionalmente no poder de Deus; crer é saber que Ele agirá aqui e agora para o bem do povo, curando, libertando e realizando milagres que levem à edificação do Reino. Jesus diz: “Se creres, verás a glória de Deus” (Jo 11, 40).

Não é preciso “fazer força” para ter fé, nem “forçar” Deus agir, com “palavras de fé”. A fé é um dom gratuito e o cristão deve, com muita tranquilidade, sempre crer que Ele faz o melhor e nunca decepciona aquele que Nele confia.

5. CONCLUSÃO

O dom da fé é um presente que Deus dá para o bem da comunidade, assim como os demais dons. Nunca é demais notar que esse dom está profundamente associado com a caridade.

DOM DE MILAGRES

1. INTRODUÇÃO

O dom de milagres sempre esteve presente na história da salvação, desde o Antigo Testamento, provando a presença viva de Deus junto ao seu povo eleito. Muitos milagres foram operados através dos patriarcas (cf. Ex 7, 8-13), dos profetas (cf. I Rs 17, 7ss; I Rs 18, 20ss; II Rs 2, 19ss) e outros tantos narrados na Bíblia.

Os milagres atestavam a divindade do Deus da Aliança, sua predileção por seu povo escolhido, sua assistência divina, seu poder glorioso. Eram sinais e prodígios que confirmavam a fé do povo no único Deus verdadeiro.

2. CONCEITO

O dom de milagres pode ser definido como uma ação do poder de Deus intervindo extraordinariamente em determinada situação. Algumas curas são milagres, mas esse dom não se limita à ação de Deus na restauração da saúde. Quando acontece uma cura instantânea, é milagre porque o fator intervenção de Deus é óbvio a ponto de não ser refutado.

Em alguns casos, a ação de Deus é súbita e extraordinária. “O milagre é um acontecimento ou evento sobrenatural, ou a execução de algo que seja contrário às leis da natureza; é um fenômeno sobrenatural, que desafia a razão e transcende as leis naturais; este dom é simplesmente a habilidade dada por Deus de cooperar-se com Ele, enquanto Ele executa os milagres através de um ato cooperativo com os homens”.

Todo milagre cristão autêntico aponta para a cruz e a ressurreição, começando com o milagre inicial da salvação e continuando através de todos os grandes e pequenos milagres subsequentes.

Os milagres são intervenções diretas de Deus na natureza do homem ou na ordem da criação. Os milagres provam o poder de Deus agindo na vida dos homens, levando-os a uma fé sempre mais crescente.

3. JESUS E OS MILAGRES

Os evangelistas usam três termos ao se referirem à intervenção de Deus: falam de fatos miraculosos, de demonstração de força e de sinais; geralmente, a palavra “milagre” vem acompanhada de um ou outro termo (revelando ser o milagre uma manifestação de força divina e sinal da ação de Deus). O que mais se realça nos milagres de Jesus é seu caráter extraordinário: cura instantânea de doenças incuráveis, ressurreição dos mortos, multiplicação dos pães, o que faz o povo se maravilhar. O escopo evangélico é o de ressaltar a manifestação da força e o caráter de sinal. Este é o sentido dos milagres de Jesus: abrir os olhos sobre o mistério de sua Pessoa!

As curas e milagres estavam profundamente relacionados com a Pessoa Divina de Jesus, para a abertura da fé e confirmação de sua união com o Pai (cf. Jo 6, 28-29; 11, 40-42; 14, 11); estavam relacionados com o poder que

Ele tinha como Filho de Deus (cf. Mc 2, 10; At 10, 38) e estreitamente ligados, combinados com a evangelização que proclamava. Evidenciava-se, assim, sua divindade de Messias, de Ungido do Pai pelo Espírito Santo (cf. Lc 4, 14; 10, 21).

Muitas vezes, apesar dos milagres e por causa da sua obstinação, os judeus não acreditavam em Jesus (cf. Mt 13, 58; Mc 6, 4-6; Jo 12, 37). Mas, frequentemente, Jesus operava milagres, deixando-se levar pela compaixão diante do sofrimento humano (cf. Mt 9, 36; 14, 14; Mc 8, 2; Lc 7, 13).

Os milagres eram também um meio do povo glorificar a Deus: ao ver a cura da mulher que vivia encurvada fazia dezoito anos (cf. Lc 13, 10ss), o povo foi levado ao entusiasmo; ao presenciar a cura de um cego em Jericó (cf. Lc 18, 35ss), o povo deu glória a Deus; diante da cura do parálitico em Cafarnaum (cf. Mt 9, 1ss), o povo glorificou a Deus por ter dado tal poder aos homens; ante o espetáculo dos mudos que falavam, dos aleijados que eram curados, dos coxos que andavam, dos cegos que viam (cf. Mt 15, 29-31), o povo glorificava o Deus de Israel.

Neste sentido, o milagre não apenas revelava a bondade de Deus e sua compaixão pelos homens ao curá-los, mas “efetuava também a salvação de Deus. É um ato de força, de poder, para repelir os adversários de Deus: uma irrupção do divino neste mundo, e ao mesmo tempo um sinal do mundo vindouro”. Sinalizava-se deste modo a presença salvífica de Deus em meio aos homens, e a implantação do seu Reino (cf. Mc 6, 7; 7, 26; Lc 7, 22; 9, 1-6; Mt 12, 28; Lc 7, 18ss).

Os milagres de Jesus confirmavam a sua doutrina — é o que os Evangelhos afirmam em tantos relatos que trazem. A evangelização de Jesus era acompanhada de sinais prodigiosos, de milagres, confirmando sua eficácia, seu poder. O mesmo aconteceu com os apóstolos na Igreja Primitiva: “O Senhor cooperava com eles e confirmava a sua palavra com os milagres que a acompanhavam” (Mc 16, 20).

4. A IGREJA E OS MILAGRES

Jesus não guardou somente para si esse poder que Ele tem como Filho de Deus; nem o restringiu somente à ação, aos seus gestos e ao tempo em que viveu no mundo. Jesus quis que a Igreja também fosse participante desse poder, para continuar a atrair para Ele os homens de todos os tempos. Assim, após a ressurreição, Ele deu aos apóstolos a mesma missão que teve: “Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio” (Jo 20, 21); “Quem vos ouve, a mim ouve” (Lc 10, 10); “Quem vos recebe, a Mim recebe, e recebe Àquele que Me enviou” (Mt 10, 40).

Ao escolher os apóstolos, conferiu-lhes “o poder de expulsar os espíritos imundos e de curar todo o mal e toda a enfermidade; de anunciar o Reino de Deus e de curar os doentes; de ressuscitar, de purificar os leprosos” (Mt 10, 1-8). E os apóstolos “partiram e percorriam as aldeias, pregando o Evangelho fazendo curas por toda a parte” (Lc 9, 1-6).

O anúncio do Evangelho e os milagres acompanharam os apóstolos, mesmo depois da ascensão de Jesus ao Pai. Jesus lhes prometera o Espírito Santo, que lhes daria “força” (cf. At 1, 8), que os “revestiria da força do alto” (cf. Lc 24, 49), para que cumprissem plenamente a missão que Jesus lhes dera, de testemunhá-Lo ante os homens de todos os tempos e nações, “até os confins do mundo”.

A Igreja Primitiva entendeu que a fé em Jesus, tanto dos apóstolos quanto dos seus ouvintes, provocaria milagres como confirmação da ação de Jesus, pela força do Espírito Santo (cf. Gl 3, 5). É o que se vê, por exemplo, na cura do coxo junto à Porta Formosa do Templo (cf. At 3, 1ss), realizada por Pedro e João.

No Concílio de Jerusalém, Barnabé e Paulo contaram à assembleia quantos milagres e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios (cf. At 15, 12). Deus “fazia milagres extraordinários por intermédio de Paulo, de modo que lenços e outros panos, que tinham tocado seu corpo, eram levados aos enfermos; e afastavam-se deles as doenças e retiravam-se os espíritos malignos” (cf. At 19, 11-12).

Assim como Jesus, ao fazer o milagre em Caná, “manifestou sua glória e os discípulos creram n’Ele” (cf. Jo 2, 11), a glória de Deus continuaria sendo manifestada pelos “sinais miraculosos”, edificando e fazendo crescer a fé dos ouvintes.

Na comunidade cujos membros se deixam guiar pelo Espírito Santo (cf. Rm 8, 9.14; Gl 5, 16.25), os milagres se tornam presentes, pois são promessas de Jesus a toda sua Igreja: “Quem crê em mim, fará também as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas, porque eu vou para o Pai” (Jo 14, 12).

Cabe, pois, a cada cristão, abrir-se sempre mais a esse dom que é também necessário nos dias de hoje. Há, efetivamente, nos tempos atuais, um reflorescimento dos dons carismáticos na Igreja; o dom de milagres continua sendo necessário para o surgimento e fortalecimento da fé em Deus.

Assim, “os casos de curas e de milagres são de todos os tempos, e ninguém que tenha fé em Deus duvida que Ele tenha operado as curas, os milagres quer por meio de pessoas, quer diretamente, em resposta à oração de seus santos, da Igreja triunfante ou da Igreja militante”.

5. CONCLUSÃO

O dom de milagres estará sempre presente na Igreja, manifestando a santidade de Deus e sua ação no mundo, provando seu amor. Deus continuará agindo de forma extraordinária, como agiu no Antigo Testamento, no Novo Testamento com Jesus e sua Igreja.

Ele quer operar hoje, por meio de cada batizado. Sua vontade não mudou. E quando se reúnem pessoas para louvar a Deus e proclamar sua glória, não é de estranhar que milagres aconteçam realmente.

Jesus prometeu sua presença (cf. Mt 18, 20): “se dois de vós se reunirem sobre a terra, para pedir seja o que for, conseguirei-lo de meu Pai que está no céu” (Mt 18, 19). Onde está a Igreja reunida na fé, na esperança, no amor, no louvor, na ação de graças, Jesus se torna presente como Aquele sobre o qual coloca a sua complacência (cf. Mt 3, 17).

Toda vez que se reúnem em nome do Senhor Jesus, “tendo por Ele acesso

junto ao Pai, no mesmo Espírito” (Ef 2, 18), os milagres podem ocorrer de forma natural, fortalecendo a fé de todos.

Ainda é preciso acreditar mais e mais neste dom de milagres no coração da Igreja. Por meio dele, pode-se de forma mais convincente publicar as “maravilhas de Deus” hoje e sempre. Amém!

RESUMO

1. INTRODUÇÃO

O dom de milagres sempre esteve presente na história da salvação, desde o Antigo Testamento.

2. CONCEITO

Esse dom pode ser definido como uma ação do poder de Deus intervindo extraordinariamente em determinada situação. Algumas curas são milagres, mas este dom não se limita à ação de Deus na restauração da saúde.

Ou ainda: “O milagre é um acontecimento ou evento sobrenatural, ou a execução de algo que seja contrário às leis da natureza; é um fenômeno sobrenatural, que desafia a razão e transcende as leis naturais”.

3. JESUS E OS MILAGRES

Os milagres de Jesus confirmavam a sua doutrina — é o que os Evangelhos afirmam em tantos relatos que trazem. A evangelização de Jesus era acompanhada de sinais prodigiosos, de milagres, confirmando sua eficácia, seu poder.

4. A IGREJA E OS MILAGRES

Jesus quis que a Igreja também fosse participante desse seu poder, para continuar a atrair para Ele os homens de todos os tempos.

O anúncio do Evangelho e os milagres acompanharam os apóstolos, mesmo depois da ascensão de Jesus ao Pai.

A Igreja Primitiva entendeu que a fé em Jesus, tanto dos apóstolos quanto dos seus ouvintes, provocaria milagres como confirmação da ação de Jesus, pela força do Espírito Santo (cf. Gl 3, 5).

5. CONCLUSÃO

O dom de milagres estará sempre presente na Igreja, manifestando a santidade de Deus e sua ação no mundo, provando seu amor. Deus continuará agindo de forma extraordinária, como agiu no Antigo Testamento, no Novo Testamento com Jesus e sua Igreja.

Ele quer operar hoje, por meio de cada batizado. Sua vontade não mudou. E quando se reúnem pessoas para louvar a Deus e proclamar sua glória, não é de estranhar que milagres aconteçam realmente.